

## Cartel franco-brésilien de psychanalyse

Cycle de conférences-débats 2021-2022

**Temps de pandémie**

***Questions sur la subjectivité contemporaine***

**Mercredi 06 octobre 2021**

### **Um corpo em evidência: de que?**

**Mônica Magalhães**

Vivemos nos últimos quase dois anos da pandemia do Covid com o fato do que foi possível no Brasil ocorrer quanto ao tratamento dado aos corpos mortos: os enterros em massa, às vezes em valas comuns assim como a ausência de rituais fúnebres em sepultamentos realizados higiênica e burocraticamente. Foi ao interrogar esse fato, articulado ao lugar que o corpo vivo ocupa no Brasil, que algumas interrogações foram surgindo.

Acrescentou-se a isso uma experiência clínica com um sujeito, cuja vida sexual ele nomeava “rica, fértil”, que diante da decisão de ter um filho, num dado momento, sem nenhum impedimento orgânico, se encontra com o fato de uma gravidez que não acontece.

Foi nesse momento, no encontro dessas situações, que me perguntei: Qual a relação entre o tratamento que é dado no Brasil à morte, aos corpos mortos - hoje na pandemia, mas também ao longo da história -, e aquele que é reservado ao corpo vivo? O que é um corpo fértil?

Essa palavra “fértil” me ocorreu a partir de um texto de Charles Melman, no Seminário *Para introduzir a psicanálise hoje*. Ele diz sobre as sociedades pós-coloniais- e ele cita o Brasil, especificamente Minas Gerais, onde vivo-, que as explorações minerais deixaram buracos como cicatrizes, buracos estéreis com os quais não há nada a fazer. E foi a partir daí que me perguntei o que poderia vir fertilizar um buraco? O que fertiliza um corpo?

No Brasil, o descarte do corpo morto, sem nenhum ritual fúnebre, não é um evento isolado fruto de um momento de pandemia. É preciso dizer que é uma prática, não oficial, certamente, mas em alguma medida habitual que, na nossa história, se repete. Ao mesmo tempo esse lugar de protagonista do corpo vivo, seja nas praias, na busca por procedimentos estéticos que proliferam, nas academias de ginástica, a presença em destaque no carnaval, em outras manifestações culturais e nos rituais religiosos testemunham esse protagonismo. Aqui, os corpos produzidos

nas academias de ginástica são chamados “sarados”. Uma mesma palavra que pode ser usada para falar de uma doença ou fermento que foi curado. Sarado, curado, de quê?

No Brasil, as academias de ginástica têm as paredes cobertas de espelho. Essa imagem cultivada do corpo, essas imagens refletidas, corpos refletidos em imagens para o olhar. Será que dizem algo do registro em que esse corpo é vivido?

Há ainda um outro dado que me parece relevante. Temos ainda hoje, segundo dados do IBGE, 3 milhões de pessoas que não tem Certidão de Nascimento. Esse documento é chamado juridicamente, “Registro Fundador”. Muitas dessas pessoas, em testemunhos num livro recém-lançado<sup>1</sup>, falam de sua não-existência. Num dos casos relatados, uma senhora que até ali não tinha o registro, numa situação de doença terminal diz: “essa certidão é ouro, melhor que ganhar na loteria. Quando eu morrer terei meu nome no túmulo”. As pessoas que não tem esse documento fundador, juridicamente são ditas, “não legíveis”. Elas não são contadas. Para se contar é preciso um nome. Então, aqui pode haver um nascimento que não se registra, e uma morte que não é nomeada. Eu me pergunto se a constituição dos corpos vivos fica imune a essas marcas.

Haveria uma incongruência entre esses dois destinos, esses dois modos de tratamento, aparentemente antagônicos, dados ao corpo vivo e o corpo morto? Ou serão duas manifestações, efeitos distintos que têm a mesma origem num modo de organização do discurso, do laço social que nos organiza determinando o lugar e a função dos corpos vivos e mortos?

Lacan diz em Radiofonia: “Quanto ao corpo, é secundário que ele esteja vivo ou morto”. A sepultura “preserva o que dava ao vivente o caráter: corpo. Permanece como *corpse*, não se transforma em carniça, o corpo que era habitado pela fala, que a linguagem *corpsifíca*.”<sup>2</sup> Essa frase dá ao corpo, vivo ou morto, seu caráter único e preciso. No meu entendimento, aquilo que, da linguagem, ele testemunha e afirma. A sepultura sendo o lugar onde se afirma o humano da espécie.

Entre habitar a linguagem ou ser por ela habitado, qual a diferença? Quais as consequências? Estaria nessa diferença o que viria fertilizar um corpo? Não do ponto de vista da reprodução, talvez também, mas de uma produção. Produção, fabricação de um corpo. Fazer corpo, dar corpo, como dizemos aqui, corpo de nação, corpo institucional, e o próprio corpo aonde vem se alojar um sujeito. Pois, um corpo, sabemos, não é natural.

Se, como diz Lacan, o corpo é antes algo forjado pelo simbólico, o modo como as leis da linguagem foram e são “aplicadas”, organizadas num discurso em nossa cultura, isso nos interroga sobre o corpo que aí vem se constituir. Talvez um corpo *made-in* Brasil. Um corpo que é marcado e que sofre as consequências disso, que não é sem relação, me parece, com a fragilidade da instância paterna que nos constitui, aquela que daria à perda do objeto seu contorno e validação simbólicos.

Lacan, em Radiofonia diz: “Volto primeiro ao corpo do simbólico, que convém entender como nenhuma metáfora. Prova disso é que nada senão ele isola o corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar. O primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Escóssia, Fernanda da, Invisíveis-Uma Etnografia sobre brasileiros sem documentos, RJ, Editora FGV, 2021.

<sup>2</sup>Lacan,J. “Radiofonia” in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003, p.407.

<sup>3</sup> Ibid

Ao mesmo tempo em que há aí, no simbólico, uma função que Lacan diz incorpórea mas que é incorporada ao corpo. É dessa função que depende, é ela que assinala o modo como o simbólico tem a ver com o corpo. Essa função eu penso poder aproximá-la da função da perda. Perda desse *objeto a* que, tendo sido perdido, é preciso ainda que seja extraído.

Charles Melman recentemente disse que, no luto, “a perda do objeto querido é antes a condição quase alegre do nosso acesso à vida e inicia um diálogo com ele que o perpetua por toda a eternidade.”<sup>4</sup>

Para Freud, diz Lacan no seminário A Angústia, “o sujeito do luto lida com uma tarefa que consistiria em consumir pela segunda vez a perda do objeto amado, provocada por um acidente de destino.”<sup>5</sup>

Lacan, sem discordar de Freud, faz aí uma inversão e diz; “Quanto a nós, o trabalho do luto nos parece, por um prisma simultaneamente idêntico e contrário, um trabalho feito para manter e sustentar todos esses vínculos de detalhes, na verdade, a fim de restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o *objeto a*, para o qual, posteriormente, será possível dar um substituto, que afinal não terá mais importância do que aquele que ocupou inicialmente seu lugar.”<sup>6</sup>

Mas, ele chama a atenção para uma distinção importante a se fazer aí entre *a* e *i(a)*. “O problema do luto, diz ele, é o da manutenção, no nível escópico, das ligações pelas quais o desejo se prende não ao objeto *a*, mas a *i(a)*.”<sup>7</sup>

Então nesse momento, minha questão passa por aí.

Num país onde há a pregnância da imagem do corpo, do corpo como imagem talvez, minha hipótese é de que essa função do corpo aqui, imporá ao sujeito um modo particular de relação à imagem especular, ao narcisismo secundário, na relação a *i(a)*.

Isso colocaria para o sujeito, e para um analista, questões e dificuldades quanto à relação ao desejo, a fertilidade do desejo, que está suspensa ao *a*, no registro da castração.

Se, o trabalho de luto atualiza, consuma pela segunda vez, a perda do objeto amado, com Lacan não seria o luto a ocasião de uma operação onde se daria a possibilidade de atualização da própria estrutura da linguagem?

De que somos privados quando o trabalho de luto não tem lugar?

No Brasil, essa possibilidade real da não necessidade de reconhecer, afirmar e nomear a morte, não nos colocaria diante da possibilidade de alguma degradação em que a própria vida pode vir aí ser enterrada?

---

<sup>4</sup> Editorial publicado no site da Associação Lacaniana Internacional em 15/09/21

<sup>5</sup> Lacan, J. Seminário A Angústia, Jorge Zahar Editores, RJ. 2005, p.363.

<sup>6</sup> Ibid

<sup>7</sup> Ibid